

---

## ***Homenagem por tabela***

Antonio Candido

Acho que Vilma Arêas gostará de receber uma homenagem por tabela, homenagem indireta focalizando quem foi para ela amigo de rara qualidade e orientador que lhe deu grande apoio, não apenas intelectual, mas afetivo. Refiro-me a Decio de Almeida Prado associado a sua mulher Ruth, nos quais ela encontrou carinho em todas as horas e apoio nas difíceis.

Daí a idéia de publicar nesta coletânea de amizade um texto que escrevi sobre Decio em 24 de maio de 1996 e deveria lhe ter mostrado. Depois da sua morte dei cópias aos filhos, à irmã, a um sobrinho e a três discípulos, entre os quais Vilma. Não tive naturalidade para mostrar a ele porque o nosso círculo de amigos, o chamado “grupo de *Clima*” (nós dizíamos “a turma”), praticava, por acordo tácito, a maior reserva quando se tratava de juízo favorável de uns em relação aos outros. Chegávamos a não comentar os escritos dos amigos e muito raramente nos permitíamos algum elogio direto. Mais para o fim mudamos um pouco, e nessa fase Decio foi especialmente generoso.

Mas agora esses freios já não têm razão de ser e um sobrevivente pode manifestar-se com desafogo, como faço publicando o tal texto. É bom frisar que não escrevi sob a emoção da morte do grande amigo, mas serenamente, seis anos antes. Anotei-o num caderno e o transcrevo com o próprio título meio pomposo (Decio não o teria usado), porque corresponde bem ao que senti no momento. E juntei uma nota explicativa.

## ***Apogeu***

O artigo do Decio *Saudades de Lévi Strauss* revela bem quem ele é. Revela as suas grandes qualidades, tão equilibradas e discretas que parecem menos do que na verdade são. Em pouco espaço, com ar de quem conversa, misturando o subjetivo da evocação com a descrição objetiva do real, ele consegue ressuscitar o que era a cidade de São Paulo nos anos 30: qual a sua fisionomia, qual a atmosfera intelectual, qual o significado da Faculdade de Filosofia como nova forma proposta no campo da cultura. Mais ainda: consegue sugerir a passagem do tempo, mostrando, como quem não quer, o estado atual desses aspectos, chegando a um resultado cheio de informação e significado, sempre por meio de alusões mínimas, associações aparentemente espontâneas e um tom de tal maneira despretensioso, que o leitor parece ter experimentado ele próprio o que desconhecia ou não tinha sabido interpretar. E assim percebemos que o artigo aparentemente casual é fruto de um amadurecimento e um discernimento acessíveis a bem poucos,

pois pressupõem uma qualidade rara nos intelectuais: mostrar força e profundidade por meio da simplicidade mais completa.

Outro dia, não lembro quem me disse que só agora o Decio está sendo avaliado da maneira que lhe é devida, porque estão percebendo a sua verdadeira eminência. Esse reconhecimento vagaroso acontece com os que não batem caixa e não se envolvem nas atividades que costumam projetar as pessoas no espaço público. E ainda bem que o reconhecimento geral chegou a tempo de dar destaque devido a um dos maiores intelectuais do Brasil, um homem que teve a sabedoria de só fazer aquilo que era capaz, recusando qualquer trilha onde não sentisse adequado à sua caminhada. Nisso a sorte o ajudou, porque nunca teve necessidade de renunciar aos pensadores e trabalhar por obrigação no que não era o seu interesse estrito.

A força singular do Decio se manifesta antes de mais nada na escrita, que é perfeita, sem truque nem ênfase, de uma urbanidade bem adequada à singeleza, mas sem a parcimônia excessiva que freia a manifestação da personalidade e esconde o modo de ser. Isso, porque ele é sempre rigorosamente sincero e, sem se exhibir um milímetro, só escreve o que pensa e como pensa, sem buscar *efeitos* que impressionem. Nenhum outro estilo é tão alheio à simulação, à argúcia construída, ao dó de peito. Firme no seu tom moderado, ele o transforma em instrumento de uma visão reta e autêntica. A sua limpidez traduz a sua retidão, e a sua retidão como escritor nada mais é do que o desdobramento da sua perfeita integridade de homem que não sabe mentir.

No começo dos anos 40, as moças da “turma” (Gilda, Dorothy, Ruth, Sara, Iolanda, Helena) fizeram uma espécie de consulta entre elas para saber qual de nós, rapazes, era 100%. O Decio foi escolhido por unanimidade e elas lhe deram de presente uma edição de Rabelais em formato grande. Iniciativa discreta, da qual a Sara me informou na ocasião, mostrando o volume.

Essa decisão foi perfeita. De todos nós o Decio foi sempre o mais completo. Bem educado, alegre, sereno, justo, brioso, de rara saúde mental, solidário, capaz de dedicação, não tem os nossos defeitos e já manifestava, mal saído da adolescência, a harmonia de qualidades que alicerçavam a sua inteligência penetrante, capaz de extrair o máximo de uma tendência comum a todos nós de *Clima*: o apego ao concreto, a relativa capacidade de abstração, o gosto pelas coisas do mundo quanto pelas da mente. Coroando, o dom raro de explorar ao máximo as próprias capacidades, mas sem atravessar os limites das possibilidades, evitando por uma espécie de instinto seguro (que é sabedoria) dar passo maior do que a perna.

Esse equilíbrio talvez explique também a constância nos gostos, nas amizades, bem como a fidelidade a certas e poucas tarefas. Ele não se multiplica. Ao contrário, concentra-se e se apega, porque tem necessidade de cumprir o que prometeu, sem abandonar o campo. No caso de *Clima*, tornou-se logo o realizador. O Alfredo se afastou depois do primeiro número e o Lourival não assumiu as tarefas de direção depois do segundo.\* Ele e Ruth chamaram a si a responsabilidade, fizeram da sua casa a verdadeira redação e centralizaram a produção da revista, ajudados sobretudo por Gilda, pelo Ruy e por mim. Sem o casal, *Clima* teria provavelmente acabado no terceiro número.

Restrito ao teatro, ensinando no secundário e, depois de ir já quarentão para a Universidade, ficando de fora dos seus problemas e tensões, ele atuou em âmbito mais restrito e não teve desde logo a fama que fazia jus, apesar de ter ficado conhecido e admirado como excelente crítico teatral, e apesar de ter adquirido muito nome a partir do decênio de 1950 como perfeito diretor do *Suplemento* do *Estado de São Paulo*. Alma de *Clima*, alma do *Suplemento*, ele serviu sem exigir e se contentou em cumprir as tarefas. Enquanto isso, ia acumulando escritos de alta qualidade, inclusive com base na pesquisa, como demonstram as teses sobre João Caetano. A de livre-docência foi um dos elementos que, com a aula e a prova escrita, fizeram do seu concurso um dos mais belos que vi. E agora, esse longo, discreto e tranqüilo esforço recebe o coroamento, já que na fase final da vida está sendo reconhecido em escala compatível com o seu valor.

*Nota*

\* A revista foi ideada e planejada por Alfredo Mesquita e Lourival Gomes Machado, nas férias de fim de ano de 1940 para 1941. Ambos escolheram os encarregados das seções e Alfredo assegurou a parte material arranjando a maioria absoluta dos anúncios, mas nunca custeou a revista, como escreveram alguns. Lourival foi sempre nominalmente o diretor.